

## A PRODUÇÃO DE UMA CIDADE MÉDIA NO INTERIOR DO NORDESTE: TEMPORALIDADES E ESPACIALIDADES EM CAMPINA GRANDE – PB

**Juliana Nóbrega de Almeida**

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB  
Departamento de Geografia, Centro de Humanidade  
Líder do Grupo de Pesquisa Saberes da Educação Geográfica – GPSEG/UEPB  
Pesquisadora do Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente – LEGEP  
[julianageo2020@servidor.uepb.edu.br](mailto:julianageo2020@servidor.uepb.edu.br)

**Francisco Kennedy Silva dos Santos**

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE  
Coordenador Geral da UAB/UFPE  
Bolsista de Produtividade de Pesquisa CNPQ  
Coordenador do Laboratório de Ensino de Geografia e Profissionalização Docente – LEGEP  
[francisco.kennedy@ufpe.br](mailto:francisco.kennedy@ufpe.br)

### RESUMO

Este artigo busca realizar uma (re)construção da formação de espacialidades e temporalidades de Campina Grande - PB, destacando fatos relevantes para sua consolidação como cidade média. Enfatizamos momentos importantes durante o período áureo da produção do algodão, bem como o seu passado comercial. Dessa forma, esta pesquisa adota uma metodologia qualitativa, por meio de pesquisas bibliográficas. A partir de tais fontes científicas, dialogamos sobre a construção de algumas espacialidades e temporalidades de Campina Grande, considerada uma das cidades mais importantes do interior nordestino. Dessa forma, trouxemos importantes questões históricas e espaciais que são decisivas diante da produção do espaço da cidade. Destacamos que, de um lado, ocorreu uma expressiva expansão urbana, tendo grande destaque no âmbito regional, sobretudo nas áreas de indústria, saúde, educação, comércio e outros serviços. No entanto, não podemos deixar de mostrar que, de outro lado, existem contrastes socioeconômicos em relação à sua população, com muitos dos seus habitantes não usufruindo desses serviços. Portanto, consideramos importantes as transformações históricas e espaciais em Campina Grande, pois elas possuem um papel relevante na expansão urbana dessa cidade média.

**Palavras-chave:** Espaço. Cidade Média. Serviços.

### THE PRODUCTION OF A MEDIUM-SIZE CITY IN THE NORTHEAST COUNTRYSIDE: TEMPORALITIES AND SPATIALITIES IN CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

### ABSTRACT

This study aims to carry out a (re)construction of the formation of spatialities and temporalities in Campina Grande - Paraíba, highlighting relevant facts for its consolidation as a medium-size city. We emphasize essential moments during the golden period of cotton production, as well as its commercial past. Thus, this research adopts a qualitative methodology, through bibliographic. From these scientific sources, we discussed the construction of some spatialities and temporalities of Campina Grande, considered one of the most important cities in the Northeastern countryside. In this way, we bring up important historical and spatial issues that are decisive in terms of city space production. On the one hand, we emphasize that there was an expressive urban expansion, with great prominence in the regional scope, especially in the areas of industry, health, education, commerce, and other services. However, we cannot fail to show that there are socio-economic contrasts concerning its population, in which many of its inhabitants do not enjoy these services. Therefore, we consider the historical and spatial transformations in Campina Grande to be important, as they have an essential role in the urban expansion of this medium-sized city.

**Keywords:** Space. Medium-size city. Services.

## INTRODUÇÃO

Para Santos (2002), o espaço é o maior conjunto de objetos existente, dado pelos modos de produção e seus momentos, responsáveis pelas mudanças e pela criação de novos objetos, enquanto as relações que se estabelecem entre os homens (através dos objetos novos e dos antigos) também se submetem a uma lei menor, como se, na vida da sociedade e do espaço, existissem um motor movente e um motor movido. Com efeito, é necessário levarmos em consideração que o espaço é vivo, dinâmico, social e contraditório. Assim, Campina Grande - PB<sup>1</sup> não foge dessa realidade espacial, haja vista que essa cidade se apresenta como uma cidade média, considerada uma das mais importantes do interior nordestino, principalmente por ser detentora de alguns títulos, como Rainha da Borborema.

Por esse e outros motivos, Campina Grande é uma cidade singular, especialmente porque, em sua história, temos a presença de uma produção espacial e social, que une passado, presente e futuro, de centro algodoeiro, comércio de gado e parada obrigatória dos tropeiros da Borborema, até se tornar hoje uma cidade média. Nela, há destaque para os setores secundários e terciários, como de instalações de importantes indústrias dos ramos de calçado, máquinas e alimentos, a produção de serviços, destacando-se o seu diversificado comércio, que atende a uma vasta parcela de pessoas, inclusive de outros municípios, além das feiras livres, que reúnem aspectos culturais tradicionais e contemporâneos, marcadas pela tecnologia na compra e na entrega de alguns produtos, como a utilização de aplicativos, sites e redes sociais, unindo o comércio presencial e virtual. Destacamos também os *shopping centers* e os múltiplos tipos de comércio da área central da cidade, com variedades de preços, demandas e públicos.

Outro título que Campina Grande recebe é o de Cidade Universitária, devido à concentração de importantes Institutos de Educação Superior públicos e privados. Em um serviço que envolve centenas de pessoas diretamente, num movimento migratório pendular e “fixo”, muitos dos estudantes vêm estudar na cidade e voltam diariamente para os seus municípios de origem, enquanto outros alugam residência ou moram em repúblicas para poder estudar na cidade, sendo eles de diversas partes do estado e do Brasil.

A educação é algo que movimenta a cidade, criando uma teia de relações com a produção do espaço urbano, com três IES bem avaliados na CAPES e no CNPQ, sendo eles a Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, a Universidade Federal de Campina Grande - UFCG e o Instituto Federal da Paraíba - IFPB, todos com uma perspectiva de ensino, pesquisa e extensão. Além destas instituições, há mais de 15 faculdades e universidades particulares, expandindo, assim, a ciência e a educação nas áreas de Saúde, Licenciaturas, Engenharias, Artes, Meio ambiente, Ciências Sociais Aplicadas, Informática, Inovação e Tecnologia, dentre outras.

Diante disso, acreditamos ser relevante realizarmos uma (re)construção geo-histórica da produção do espaço de Campina Grande, uma cidade conhecida por ser a segunda mais importante da Paraíba, perdendo apenas para a capital João Pessoa. Assim, temos como intuito refletir sobre a formação do espaço de Campina Grande - PB, destacando alguns momentos e aspectos relevantes para a sua consolidação no contexto regional.

Dessa forma, a pesquisa adota uma metodologia qualitativa, por meio de pesquisas bibliográficas e documentais. Remetendo à visão contextual de Santos (2002) a Campina Grande - PB, buscamos interligar o passado, o presente e quiçá o futuro dessa cidade. Por isso, não poderíamos deixar de mencionar algumas pesquisas que já foram desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em Geografia em nível de Mestrado e Doutorado que possuíam como recorte de pesquisa Campina Grande: Diniz (2004), Costa (2003), Santos Filho (2009), Batista (2009), dentre outros estudos. A partir desses e de outros trabalhos, dialogamos sobre a construção de algumas espacialidades e temporalidades da referida cidade.

Metodologicamente, as abordagens da pesquisa servem para ensejar a aproximação e a focalização do fenômeno que se pretende estudar, identificando os métodos e tipos de pesquisa adequados ao objeto de estudo. Sistematizam a revisão bibliográfica, a análise dos dados e a discussão dos resultados (MARCONI; LAKATOS, 2002). Pensando na possibilidade de avançar nessa discussão,

---

<sup>1</sup> Campina Grande - PB possui atualmente 411 mil habitantes e uma densidade demográfica de 648 habitantes por km<sup>2</sup> segundo as estimativas do IBGE (2020). Possui 621 km<sup>2</sup> de área, e fica localizada a 120 km da cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba.

entendendo-a por meio dos caminhos investigativos da ciência Geográfica, as questões trazidas nesse estudo vão se aclarando no decorrer da investigação, uma vez que o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos, destacando a intersubjetividade dos sujeitos e os contextos da pesquisa.

Partindo do exposto, não é nossa intenção reduzir a história dessa cidade a um esquema, pois sabemos dos perigos que isso possui. Pelo contrário, buscamos destacar temporalidades e espacialidades singulares que compõem a produção do espaço de Campina Grande - PB, afirmando que as informações apresentadas neste estudo trazem elementos importantes para a construção de conhecimento referente à consolidação espacial da cidade, especialmente para pensá-la diante de toda a dinâmica que a faz uma das mais importantes localidades do interior nordestino.

### **A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA CIDADE CAMPINA GRANDE – PB: da localização geográfica à formação dos bairros**

Para situarmos a produção do espaço de Campina Grande - PB, destacamos que os conflitos territoriais da colonização do Brasil também se fizeram presentes nessa localidade. Dessa forma, a origem da cidade em questão possui várias divergências, especialmente no que diz respeito à sua gênese (ALMEIDA, 2019).

Logo, as suas raízes históricas são marcadas, segundo Almeida (1979) e Costa (2003), por meio da consolidação das sesmarias, que foram entregues à família Oliveira Ledo. Essa família recebeu, em 1697, oito concessões de terras na Capitania da Paraíba, sendo duas dessas sesmarias de proporções gigantescas. Em 1790, Teodósio de Oliveira Ledo<sup>2</sup> elevou Campina Grande - PB à categoria de vila, recebendo o nome de Vila Nova da Rainha em 1790 (SÁ, 1986).

Para os autores Sá (2000) e Diniz (2004), a importância adquirida por Campina Grande deve-se principalmente à sua posição geográfica entre as regiões de pastoreio (Sertão e Cariri) e as regiões agrícolas do Brejo e da Zona da Mata. Numa época em que os transportes eram rudimentares, realizados em lombo de burros e de uma mercadoria que se autotransportava (o gado), a posição geográfica era de muita importância. Campina Grande - PB transformava-se em feira de gado, por ser considerada porta de penetração para o Sertão e o Cariri.

Segundo Gurjão (1994), Costa (2003), Sá (1986) e Santos Filho (2009), a posição geográfica desempenhou papel determinante para o desenvolvimento econômico e social da cidade. Devido à sua posição geográfica entre as regiões pastoris do Sertão e do Cariri e as regiões agrícolas do Brejo e Litoral, tornou-se ponto de passagem dos comerciantes de gado e de cereais rumo ao litoral.

Ainda sobre as questões geográficas, Diniz (2004) reitera que Campina Grande reuniu as melhores condições para o desenvolvimento da atividade comercial. Situada sobre o compartimento do Planalto da Borborema, encravada no Agreste paraibano entre as regiões pastoris do Sertão e do Cariri e as regiões agrícolas do Brejo e do Litoral, a cidade se beneficiou de tal localização geográfica. Logo se tornou um grande centro comercial e importante via de ligação entre o interior e os centros urbanos litorâneos da região.

Conforme Diniz (2004) e Souza (2013), o povoado de Campina Grande foi influenciado pela sua localização e pela feira de cereais e de gado, que contribuíram para que a localidade fosse não apenas o ponto de passagem e de pernoite dos viajantes, mas, sobretudo, um ponto de abastecimento principalmente da farinha de mandioca, um produto essencial na alimentação dos boiadeiros e tropeiros, produzido, inicialmente, nas casas de farinha espalhadas pelo Brejo e pelo Agreste paraibano e que, aos poucos, também foi sendo fabricado nos arredores de Campina Grande. Existia também a

---

<sup>2</sup> Foi um português, capitão-mor e fundador de várias fazendas e vilas que mais tarde vieram a transformar-se em cidades, entre elas Campina Grande, Pombal e Olivados, na Paraíba, levando consigo sua tropa de índios Ariús.

concentração da produção de farinha e de outros cereais, como feijão e milho, vindos dos Brejos e de outras regiões. Segundo Diniz (2004):

O comércio, portanto, sempre foi à principal atividade econômica de Campina Grande desde as suas origens. Sendo este, responsável pela abertura de longos caminhos que se estenderam pelas extensas terras sertanejas, e se encontravam em Campina, que constituía o ponto de reunião das duas grandes artérias sertanejas, as estradas do Seridó e de Espinharas. O comércio, realizado na região, determinou também, ao mesmo tempo, o crescimento de Campina Grande, que concentrava grande parte da produção vinda do interior, como o algodão, couros e peles, carnes, cereais, agave e minérios com destino aos centros urbanos regionais (DINIZ, 2004, p. 62).

Decerto, a feira de gado do Marinho, que se localizava próximo a Campina, fortaleceu o seu comércio e proporcionou a expansão da atividade pecuária nas regiões Cariris e Sertão, determinando, sobretudo, o crescimento<sup>3</sup> da formação espacial da Vila Nova da Rainha, que depois passaria a ser Campina Grande. Costa (2003) acrescenta, sobre a Vila Nova da Rainha:

A vila foi fixada próximo a feira de cereais na Rua das Barrocas (atual Rua Vila Nova da Rainha), onde se originou o povoado, e a posteriori, foi criada a feira de gado no sítio Marinho, localizado, aproximadamente, a 6 km do centro de Campina Grande. Na segunda metade do Século XIX, essa feira de gado passou a ser realizada na área central de Campina Grande. A farinha de mandioca foi o primeiro produto a ser comercializado em Campina Grande e o considerou como responsável pelo movimento de atração dos boiadeiros e tropeiros para aquele povoado (COSTA, 2003, p. 27).

Podemos afirmar que, na segunda metade do século XIX, verifica-se uma expansão da produção urbana de Campina Grande na direção noroeste, provocada, principalmente, pela intensificação da atividade mercantil. É imprescindível ressaltar que a feira de Campina Grande, além de atrair consumidores, movimentava inúmeros negócios que iam se estabelecendo em seu entorno: casas de farinha de mandioca, tendas de barracas, currais de gados, pequenas casas de comércio de secos e molhados (as tradicionais bodegas), armazéns, marchantes, ambulantes, balaieiros, pequenos criatórios, chiqueiros de aves, porcos e cabras, algumas casas de venda de artigos variados, lojas de fazenda etc. (DINIZ, 2004).

Em 1864, Campina Grande é elevada à condição de cidade, tendo assim a sua emancipação, progredindo aceleradamente até o final do século. Nesse período, o número de habitantes e das relações comerciais cresceram, embora o cenário urbano tenha permanecido pouco inalterado. Só alguns prédios foram edificadas, entre eles os destinados ao funcionamento da Cadeia Nova, da Casa de Caridade, do Grêmio de Instrução e do Paço Municipal.

Posteriormente a cidade passou a vivenciar um dos seus apogeu, sendo destaque ao ser detentora de um grande crescimento da cultura do algodão<sup>4</sup>. Esse fato promove a Campina Grande receber o título de maior produtora de tal produto numa escala internacional, perdendo apenas para a cidade inglesa de Liverpool nas primeiras décadas do século XX.

Conforme Andrade (1977), o surto da produção algodoeira na região Nordeste, sobretudo no Agreste, é visto como uma verdadeira “revolução agrária”, pois, a partir da expansão comercial desse produto, diversas cidades e povoados da região transformaram-se em importantes centros urbanos. Muitas cidades, a partir de então, começaram a experimentar uma nova fase de grande ascensão econômica. O comércio algodoeiro se expande na economia regional, ocasionando transformações espaciais

<sup>3</sup> Gurjão (2003, p. 17) observa que o crescimento urbano de Campina Grande foi vagaroso. A vila apresentava uma arquitetura modesta que contrastava com o casario das vilas de Areia (Brejo) e de Mamanguape (Zona da Mata), onde residia uma aristocracia canavieira.

<sup>4</sup> O algodão nativo do tipo arbóreo – o *Mocó* – e de fibra longa era primitivamente cultivado na região. Depois, nas décadas de 1841-50, foram introduzidas outras variedades de algodão do tipo herbáceo de origem norte-americana, que logo se expandiu pelo Agreste e Sertão (DINIZ, 2004, p. 41).

significativas nos centros comerciais deste produto. Campina Grande, como centro convergente da produção algodoeira da região, tornou-se então o principal centro comercial do produto.

A produção espacial urbana da cidade de Campina Grande historicamente foi marcada por um forte vínculo com as suas atividades comerciais<sup>5</sup>. Por isso, desde os primórdios de sua formação, ainda quando era considerada Vila Nova da Rainha, uma das atividades que ganhava destaque foi a cultura açucareira, como menciona Costa (2003). Surge, portanto, em tal momento, a prematura “vocaçã” comercial de Campina Grande, que, embora atendesse aos anseios de um mercado açucareiro exportador, estava diretamente relacionada a uma economia interna de abastecimento da população do interior da Paraíba, cuja produção se fazia de forma marginal, porém atrelada à monocultura da cana-de-açúcar.

Além disso, outro fator importante para a produção espacial de Campina Grande está ligado à chegada do trem, da empresa *Great Western of Brazil Railway*, que dinamizou a economia local e deu à cidade um amplo alcance de influência comercial na região, com a presença desse novo meio de transporte, dando hegemonia àquela localidade. Uma nova espacialidade e uma nova história foram construídas em Campina Grande após a chegada do trem, o que proporcionou um novo ritmo socioeconômico, principalmente no âmbito comercial, pois “a cidade passou a alcançar uma comunicação maior com os centros urbanos litorâneos, sobretudo, com Recife” (SANTOS FILHO, 2009, p. 65).

A implantação da via férrea proporcionou grande dinamismo à atividade comercial, já que, antes, o transporte de mercadorias era realizado apenas pelos tropeiros que transitavam do Sertão para o Litoral (e vice-versa). Nessa época, não existiam rodovias, logo, os almocreves percorriam as únicas vias de ligação: os caminhos do gado e algumas estradas carroçáveis. Então, depois que foi instalada a ferrovia, houve uma integração entre o transporte tradicional e o moderno, os tropeiros continuaram conduzindo os burros de carga com mercadorias das cidades do interior do Sertão para Campina Grande, e o trem as transportava para os portos litorâneos, principalmente o de Recife, de onde os produtos (sobretudo o algodão) eram exportados (VASCONCELOS, 2012, p. 54).

Em meados dos anos 1920 e 1930, Clementino (1995) destaca que Campina Grande possuía uma das melhores vias de transporte ferroviário do Nordeste, deixando para trás outros centros urbanos do interior. Assim, os meios de escoamento da produção agrícola por meio do uso do trem deram notoriedade para essa cidade paraibana, fazendo declinar outros empórios comerciais, a exemplo de Mossoró, no Rio Grande do Norte.

Souza (2013) aponta que Campina Grande é considerada como “bocas de Sertão” e “pontas de trilho”, pois estava situada no interior, num lugar propício à interligação entre o Litoral e o Sertão. Em virtude da expansão da ferrovia, a atividade comercial foi extremamente beneficiada em Campina Grande, ações essas que estimularam o crescimento do espaço urbano campinense, o que ocasionou o aumento de várias áreas, sobretudo dando origem à formação de pequenas localidades periféricas, a exemplo dos bairros mais distantes da área central.

O grande desenvolvimento de Campina Grande resulta principalmente das atividades comerciais, tendo em vista que a década de 1920 as exportações totalizaram 81.422 sacas de algodão, em 1923, passaram a 219.587. Assim, a expansão e sucesso dos negócios algodoeiros proporcionava o crescimento da cidade (GURJÃO, 1994, p. 23).

O crescimento da cidade proporcionou o surgimento dos bairros campinenses como espaços de vivência. Logo, as formações dos primeiros bairros campinenses datam no início do século XX, com o

---

<sup>5</sup> Elpídio de Almeida (1979, p. 107), no seu memorável livro *História de Campina Grande*, descreve-nos um pouco sobre este expressivo comércio realizado na cidade, afirmando que ela não era simplesmente um pouso, um lugar de descanso para os animais e tropeiros, mas a estalagem, a parada obrigatória, o ponto terminal da longa caminhada. Aqui, operavam-se as permutas, as trocas comerciais. Vendiam-se os produtos do sertão, principalmente algodão, couros e queijos, e compravam-se as mercadorias para o abastecimento da zona seca, em maior quantidade gêneros alimentícios, de preferência rapadura e farinha de mandioca. Tornou-se a praça de escambos da Província.

surgimento de algumas pequenas localidades situadas nas proximidades do núcleo urbano da cidade, que, nesse período, já contava com alguns pequenos bairros remanescentes, além do seu centro.

A princípio, os primeiros bairros de Campina Grande correspondiam a apenas uma rua ou a um minúsculo aglomerado de casebres dispersos. O centro urbano compreendia um espaço onde se concentravam as principais atividades econômicas desenvolvidas na cidade (DINIZ, 2004, p. 67).

Dessa forma, os bairros começaram a se tornar mais visíveis na medida em que o núcleo urbano inicial da cidade se expande, juntamente com o crescimento da concentração populacional. Esse processo se intensificou principalmente quando algumas atividades econômicas da área central começaram a se descentralizarem, chegando, dessa forma, na periferia, especialmente devido à instalação de algumas fábricas.

Na década de 1930 a cidade já possuía quatro prensas hidráulicas, cinco estabelecimentos bancários, três fábricas de tecidos grossos, fios e aniagem, três fábricas de sabão, duas de gelo, uma de camas de ferro e lavatórios, uma de curtumes e vaquetas, uma de mosaico e outras, além de vários colégios equiparados, sociedades dançantes, etc. Ainda que Campina Grande tivesse alcançado o apogeu econômico com a grandeza de sua feira, a comercialização e o beneficiamento do algodão, a infraestrutura urbana e os costumes dos habitantes da cidade, até aquele momento, caracterizavam-se como rústicos (VASCONCELOS, 2012, p. 34).

Entre as décadas de 1940 e 1950, Campina Grande, depois de Recife, era o mais importante empório comercial da região Nordeste, confirmando a sua vocação pretérita iniciada nos séculos XVIII e XIX (GURJÃO, p. 179, 2000). Nas décadas de 1950 e 1960, destaca-se o estímulo às atividades industriais e educacionais com a criação da Escola Politécnica<sup>6</sup>.

Vasconcelos (2013) afirma que o incentivo à criação de zonas industriais em áreas periféricas da cidade proporcionou a expansão da malha urbana e a ocupação de áreas mais afastadas do centro por parte da população mais pobre. Além das políticas federais relacionadas ao crescimento do setor industrial, no período militar, o Estado, atuando por meio do Banco Nacional de Habitação (BNH), começa a produzir os grandes conjuntos habitacionais em Campina Grande, direcionando a expansão da malha urbana para a zona oeste da cidade.

A construção do açude de Bodocongó<sup>7</sup> marca a produção espacial urbana da porção oeste de Campina Grande, mais precisamente do bairro de Bodocongó, onde essa obra ajudou a expandir o desenvolvimento industrial e habitacional dessa porção da cidade, que era, *a priori*, considerada área rural. O bairro recebeu o nome de Bodocongó devido à construção do açude, que não cumpriu

---

<sup>6</sup> Para Santos Filho (2009), a implantação da Escola Politécnica, demandada por um grupo de engenheiros do Laboratório de Produção Mineral, demonstra o poder que o ambiente social e cultural engendrara para a cidade, no qual o papel do ambiente social e cultural, sobretudo representado por uma elite, proporcionou o desenvolvimento regional e local, destacando a produção do espaço do urbano, que passou a ser concebido por uma nova dinâmica e usos. Porém, as desigualdades vão se tornando mais acentuadas para a parcela da população que não possui status econômicos para usufruir desse novo “espaço cultural e educacional” da cidade.

<sup>7</sup> De acordo com Elpídio de Almeida (1962), em sua obra *História de Campina Grande*, o bairro de Bodocongó foi formado com a construção do açude no ano de 1915, sendo este um dos bairros mais antigos da cidade de Campina Grande. A construção do açude dinamizou o crescimento de tal bairro. A cidade era governada nesse período pelo prefeito Cristiano Lauritzen, e o principal objetivo da construção do açude era o abastecimento de água para a população residente nas áreas mais distantes do centro da cidade, tendo sido a construção do açude finalizada em 1917 (ALMEIDA, 1962, p. 76). Com a construção do açude, o número de residências aumentou consideravelmente no local, devido à instalação da fábrica têxtil, chamada de Indústria Têxtil de Campina Grande, no ano de 1923, administrada pelos irmãos Ademar Veloso da Silveira e Agostinho Veloso da Silveira. No bairro, ainda nesse período, em que era considerado como residencial e industrial, também se instalaram um curtume (Curtume Vilarim) e um matadouro.

totalmente com seu objetivo: o abastecimento e o consumo de água para os habitantes das áreas distantes do centro, pois a qualidade da água era péssima (ALMEIDA, 2010). Para Medeiros (2009):

Bodocongó no período da modernização da cidade de Campina Grande foi marcado pela implantação de vilas operárias como a da Indústria Têxtil de Bodocongó, onde seus formadores fundaram de vila operária a Nossa Senhora de Nazareth, posteriormente a doação do terreno do senhor Ademar Veloso da Silveira, dono na época da Indústria Têxtil de Bodocongó, para a construção da Escola Estadual de Bodocongó, bem como da construção de uma capela. Para entender o universo que cercava essas fábricas que iam desde a têxtil a curtumes, e o desenvolvimento paralelo de um bairro residencial operário, e porta da cidade de Campina Grande, com a Barragem de Bodocongó que em alguns momentos era local de socialização dos campinenses (MEDEIROS, 2009, p. 20).

De acordo com Medeiros (2009, p. 20) Campina Grande, com todo o seu crescimento urbano, econômico e cultural, provocado pelo ciclo algodoeiro na primeira metade do século XX, também viveu esse acordar para as reformas urbanas, o que ocasionou problemas de infraestrutura, como falta de saneamento, de iluminação pública e a falta de água, entre outros de ordem estrutural, que levaram a cidade a repensar o modelo de urbanização.

Cardoso (1963) ressalta que, durante a década de 1960, a cidade de Campina Grande exibia uma diferenciação social entre os bairros, na qual se verificavam: os bairros tipicamente proletários, como Monte Santo, Moita, Cruzeiro, Liberdade, José Pinheiro, Bodocongó e Jeremias; os bairros habitados pela denominada classe média, como Palmeira, São José e Alto Branco; e outros bairros onde já se predominava uma classe mais abastada, como era o caso de Prata, Lauritzen e Tavares. Nesse momento, a cidade apresentava em sua estrutura urbana bairros onde morava a população pobre, com alguns localizados perto das indústrias, mas todos ficando na área periférica; e os bairros próximos à área central, onde residiam uma população com maior poder aquisitivo e a elite de Campina Grande.

Andrade (1977, p. 36-37) reitera que o processo de urbanização e polarização muitas vezes ocorre a partir do desenvolvimento natural, ou seja, de forma espontânea, a exemplo do caso de Campina Grande que, na década de 1970, embora não sendo a capital do estado, era a cidade mais importante do Nordeste depois de Recife, Salvador e Fortaleza. Campina Grande tinha, nesse período, mais pujança econômica do que qualquer outra capital nordestina.

Naturalmente, na década de 1970, as atividades e serviços de Campina Grande foram se destacando e favorecendo, novamente, o crescimento econômico e urbano da cidade, que passou a ser um importante centro distribuidor de serviços (na região nordestina), e a atrair um grande número de estudantes e profissionais qualificados nas mais diversas áreas. Todos esses elementos foram primordiais para torná-la hoje uma cidade de destaque no interior nordestino (SOUZA, 2013).

De acordo com Pereira (2006, p. 192), o espaço urbano se reconstrói, renomeia-se e é concebido de acordo com as necessidades que vão surgindo para que ocorra o seu uso. Faz-se necessário que esses espaços e esses caminhos sejam, antes de tudo, funcionais. Uma cidade é um local privilegiado por seu uso, mas também é lugar de excluídos.

Em suma, essas são algumas das características que elencamos como relevantes da produção espacial e histórica de Campina Grande, embora existam outros elementos e aspectos, especialmente históricos, que também fizeram parte da consolidação e da produção espacial da cidade. Muitas mudanças aconteceram na produção do espaço da cidade, se compararmos o seu passado comercial, especialmente devido ao declínio do comércio algodoeiro e à grande redução do uso do transporte ferroviário.

### **SINGULARIDADES GEOGRÁFICAS EM CAMPINA GRANDE - PB: uma cidade média do interior nordestino**

Para Almeida (2019), Campina Grande começou a (re)produzir uma nova perspectiva socioespacial, especialmente no fim do século XX e dos primeiros momentos do século XXI até os dias atuais. Por conseguinte, foi mais uma vez beneficiada por sua localização geográfica estratégica, juntamente com seu conjunto de equipamentos e serviços urbanos que reforçam a polarização de Campina Grande na região Agreste da Paraíba e apresentando-se como uma cidade média do interior nordestino.

Cidades médias é termo é usado por Sposito (2007, p. 52),

ao destacar que nas últimas décadas do século XX, algumas regiões do país (as ditas cidades médias) passaram por substanciais transformações, sobretudo devido a implantação de novos serviços, principalmente os logísticos, de informação, de comunicação, de transportes, de educação e de turismo.

Sem dúvidas essas mudanças apresentadas por Sposito são percebidas em Campina Grande, por isso algumas pesquisas se debruçaram em apresentar essa cidade como uma cidade média do interior do Nordeste brasileiro, a exemplo de Pontes (2006), Batista (2009), Vasconcelos (2013) e Costa (2013), dentre outros. Branco (2006) afirma que, na década de 1970, surgem as primeiras pesquisas sobre a definição de cidades médias, a partir da elaboração das políticas dos programas que visam à difusão do processo de desenvolvimento com base nos nós da rede urbana.

Pontes (2006, p. 336) indica que, no decorrer da década de 1980, o Brasil vivenciava uma recessão nas áreas metropolitanas. Em face desse contexto, as cidades médias começam a surgir com novos papéis no âmbito da rede urbana nordestina brasileira, havendo, portanto, a necessidade de estudá-las com maior profundidade. Essas cidades aparecem como alternativa de moradia por oferecerem melhores condições e qualidade de vida em relação às áreas metropolitanas.

Conforme Sposito (2006) e Branco (2006), existem diversos critérios para considerar uma cidade como média. Para muitos dos pesquisadores, o tamanho populacional é um dos indicativos para consideramos uma cidade como média. Em virtude disso, contrastando com a ideia do tamanho populacional como único elemento para caracterizar uma cidade média, Sposito (2001, p. 239) chama a atenção para o fato de que são necessários mais do que parâmetros populacionais: deveríamos considerar os papéis desempenhados pelas cidades em uma divisão de trabalho interurbana e as suas formas de expansão e aglomeração como indicadores de sua caracterização.

À proporção que existem diferenças para reconhecemos as cidades médias e de porte médio no Brasil, na perspectiva de Branco (2006, p. 175), “as cidades de médio porte são aquelas que têm entre 50 e 500 mil habitantes”. Entretanto, nem todas as cidades de porte médio são consideradas cidades médias, pois, para serem assim conceituadas, há que se verificar mais elementos que os indicadores demográficos, é preciso analisar a magnitude e a diversidade dos papéis regionais ou de intermediação no âmbito de uma rede urbana. Assim, atribui-se a denominação “cidades médias” para aquelas que desempenham papéis regionais ou de intermediação no âmbito de uma rede urbana.

Batista (2011) afirma que a cidade apresenta características variadas, como a presença dos novos ramos de atividades econômicas e dos novos agentes econômicos recentemente instalados na cidade, a sua atual dinâmica populacional, o mercado de trabalho, os novos equipamentos e infraestruturas, assim como as condições de moradia.

Observando a situação das cidades médias nordestinas no âmbito da divisão técnica e social do trabalho, é possível observamos mudanças nas suas posições, bem como nas suas relações de poder dentro do seu território, especialmente nos últimos vinte anos. Nesse cenário, Campina Grande aparece como centro submetropolitano.

Pontes (2006, p. 336) acrescenta que, nos últimos anos, as cidades médias nordestinas passam por transformações devido à implantação de novos serviços, sobretudo logísticos, de informação, de comunicação, de transporte, de educação e de turismo, e uma delas foi Campina Grande na Paraíba.

Esses novos serviços representam o motor da construção de múltiplas espacialidades em Campina Grande, tornando-a uma cidade polarizada por apresentar uma dinâmica socioespacial junto aos processos formadores que a tornam uma cidade média. Com as migrações pendulares realizadas por um contingente de pessoas oriundas de diversos municípios da Paraíba, inclusive dos estados vizinhos (Pernambuco e Rio Grande do Norte). Muitas dessas pessoas procuram a cidade por centralizar serviços importantes, dentre eles merecem destaque os educacionais, formados pelos Institutos de Educação Superior da esfera pública e privada, sendo três públicos e oito privados.

A concentração dos Institutos de Educação Superior, representados por UEPB, UFCG e IFPB, bem como das faculdades privadas é um dos motivos que estimulam diversos estudantes dos mais variados locais a buscarem diariamente a cidade de Campina Grande, conhecida como “cidade universitária”. No entanto, para os moradores da cidade, ouve-se que esta é uma “cidade para estudar”, tendo em vista que muitos dos habitantes que concluem a educação superior e residem em Campina Grande

necessitam procurar oportunidades de trabalho em outros lugares, pois a cidade não absorve toda a mão de obra profissional que se forma em suas instituições públicas e privadas. Essa é uma das características relevantes que marcam a produção do espaço educacional da cidade, uma vez que uma grande parcela dos seus estudantes permanece em busca de trabalho em outros locais.

Precisamos enfatizar outra ação importante que ocorre na cidade: as migrações pendulares. Elas ocorrem junto à educação (especialmente no nível superior), bem como diante do mercado de trabalho, principalmente porque muitas pessoas de municípios circunvizinhos são inseridas nas indústrias têxteis, de alimentos, de calçados, metalúrgica, que residem em outros municípios e fazem esse movimento diariamente para Campina Grande.

Outra ação relevante que faz parte da produção do espaço dessa cidade média é o setor de serviços. Um número muito expressivo de pessoas que procuram o comércio de Campina Grande, que possui uma grande amplitude e variedades de lojas e serviços, motivo esse que dinamiza a economia da cidade, juntamente com alguns *shopping centers* e sistemas bancários. Outro serviço relevante é representado pela expressiva presença de clínicas e hospitais, sendo a busca por atendimentos na área da saúde um dos principais motivos que provoca o deslocamento de um significativo número de pessoas de outras localidades para a cidade diariamente. Temos alguns dos melhores hospitais públicos e privados da Paraíba e esse aspecto torna a cidade uma referência para a área da saúde. Entretanto, não podemos deixar de destacar que temos um problema diante disso, uma vez que uma grande parcela de pessoas que buscam esses serviços é de outros locais e até dos estados vizinhos (Pernambuco e Rio Grande do Norte). Esse fato faz com que os hospitais fiquem sobrecarregados com a demanda de pessoas pelas unidades de saúde, aumentando a espera. Assim, vemos que é necessária a ampliação e a melhora da estrutura do setor de saúde para aprimorar o atendimento à população de Campina Grande e das outras localidades.

Por isso, os fenômenos apresentados e estudados sobre a produção espacial em Campina Grande são dinâmicos e passíveis de mudanças de acordo com as temporalidades, ações sociais, políticas, educacionais, dentre outras perspectivas, tendo em vista que a produção do espaço se dá de maneira profunda com a dimensão socioespacial, sobretudo numa cidade média.

Corrêa (2007) aponta que existem três elementos relevantes para considerarmos uma cidade média: uma elite empreendedora, uma localização relativa e interações espaciais. Observamos que Campina Grande possui os três elementos mencionados por Corrêa. Detalhamos cada um deles, associando-os a Campina Grande. Assim, temos a elite empreendedora na cidade desde a formação do seu espaço agro-açucareiro.

Sobre isso, Batista (2011, p. 35) admite que a “elite empreendedora em Campina Grande existe na cidade desde a comercialização do algodão”. Hoje temos uma nova elite empreendedora na cidade representada por empresários, comerciantes de grande e médio porte, investidores, donos de fábricas, dentre outros, que de certa forma investem na produção e circulação do capital na cidade.

Sobre a localização, já relatamos de maneira enfática que a cidade sempre foi beneficiada por sua localização geográfica estratégica, que se encontra entre o Litoral e o Sertão do estado, na região Agreste, pertencente à porção Semiárida, sob a região planáltica. Na nova classificação e divisão regional do IBGE (2017), Campina Grande faz parte da região Intermediária e região geográfica Imediação<sup>8</sup>. Cortada pela BR 230, que liga o Litoral e o Sertão, pela BR 104, que liga Campina Grande ao Seridó, a Curimataú e aos estados de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, além da BR 408, que a liga ao estado de Pernambuco, sem contar com as estradas estaduais.

Na visão de Amorim (2001), a cidade média desempenha função específica no sistema urbano. A posição geográfica e as relações espaciais da cidade são muito importantes, especialmente as que dizem respeito ao consumo, ao seu papel na divisão do trabalho, nas funções que desempenham, e às questões das distâncias dos centros maiores de nível hierárquico. Os avanços tecnológicos, especialmente nas comunicações, permitem a dissociação entre o centro de tomada de decisões e os centros produtivos, e abrem novas perspectivas locais para as cidades médias.

Em relação às interações espaciais trazidas por Corrêa (2007), percebemos que Campina Grande realiza essas interações a partir do meio técnico científico informacional, juntamente com uma produção tecnológica, científica e educacional, marcada pela produção de *softwares*, por meio de uma parceria

<sup>8</sup> Informação disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 22 jan. 2019.

entre empresas públicas e privadas, como exemplo a UFCG, junto com a *Nokia* e outras empresas. As interações espaciais ocorrem também junto às questões agrárias, tendo em vista que essa foi a primeira cidade do país a produzir e a comercializar o algodão colorido, por meio de pesquisas da Embrapa-Algodão. Dessa maneira, Campina Grande devido ao seu quadro estrutural, é considerada um polo tecnológico ou tecnopolo (PONTES, 2006; BATISTA, 2011; SANTOS FILHO, 2009).

Buscando observar a produção da técnica da ciência em Campina Grande, Pontes (2006) apresenta que Campina Grande emerge com a formação de um tecnopolo em virtude das transformações ocorridas na sua economia, com o advento da reestruturação produtiva, das mudanças no processo de trabalho em face ao meio técnico científico informacional. Todavia, essa reformulação, por um lado, apontou um processo modernizador no quadro urbano e, por outro, acarretou um maior envolvimento em atividades modernas com intercâmbios extranacionais, não absorvendo a comunidade residente nas atividades internas.

Assim, o meio geográfico é hoje o meio técnico científico informacional, em que o espaço é unido pela psicosfera e pela tecnosfera. A psicosfera é o resultado das crenças, dos desejos, das vontades e dos hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos, as relações pessoais com a comunhão do universo. Já a tecnosfera é formada pelos os frutos artificiais do meio ambiente, na qual a esfera natural é substituída pela esfera técnica no campo ou na cidade (SANTOS, 2008).

Observamos, dessa maneira, na perspectiva de Sábato (1993, p. 58), que o homem comum vive subjugado pelo domínio da ciência e pela adoração dos novos ritos. E quanto mais imponente é a torre do conhecimento mais temível o poder ali encerrado. Para Santos, na obra *Por uma outra Globalização* (2000), o período atual tem como base o casamento entre ciência e técnica, essa tecnociência, cujo uso é condicionado pelo mercado. Por conseguinte, trata-se de uma técnica e de uma ciência seletiva.

Batista (2011, p. 28) acrescenta que a cidade apresenta um conceituado centro tecnológico formado pela Fundação de Apoio à Pesquisa (FAPESQ) e pela Fundação Parque Tecnológico da Paraíba (PaqTc-PB), além de contar com numerosas empresas que atuam na área de informática e eletrônica, principalmente na produção de *softwares*. Essa característica explica-se, em parte, pelas transformações ocorridas na economia campinense e, mais recentemente, com o advento da reestruturação produtiva, das mudanças nos processos de trabalho e em face das novas tecnologias que se estabeleceram na cidade.

Outro elemento também fundamenta a interação espacial de Campina Grande enquanto cidade média. Como nos apresenta Costa Júnior (2013, p. 44), a cidade possui uma interação com uma área metropolitana, exercendo junto às cidades adjacentes uma interligação, que se acentuou ainda com a formação da Região Metropolitana de Campina Grande, definida pela Lei Complementar nº 92 de 11 de dezembro de 2009, com publicação no Diário Oficial do estado da Paraíba em 13 de dezembro do mesmo ano. As cidades pertencentes à área metropolitana de Campina Grande possuem relação direta com ela, especialmente por meio do uso de serviços, comércio, educação, saúde, trabalho, como já mencionado.

A produção espacial urbana de Campina Grande é notória, em que os seus fixos e fluxos são constituídos apresentando uma dinâmica no que tange aos aspectos urbanos, técnicos e científicos. Sobre isso, Maia (2006) nos mostra que as cidades médias possuem indicadores semelhantes aos que tanto caracterizam as metrópoles, entre esses, a descentralização, a verticalização, a criação de loteamentos e condomínios fechados, a transformação de espaços rurais em áreas urbanas (primeira ocupação), o rearranjo de usos de bairro e a estratificação do uso do espaço urbano. Por outro lado, também mostra diferenças quantitativas (número de habitantes, fluxo de automóveis, indicadores sociais e econômicos etc.) e qualitativas, como a vida urbana e a vida cotidiana nessas cidades. (MAIA, 2006, p. 162). Na perspectiva de Pontes (2006, p. 346),

Apesar de tantas transformações nas espacialidades das cidades médias é notória a pobreza existente, e em Campina Grande não é diferente. Além do desemprego e da precária renda auferida pela expressão majoritária das populações, existe também graves problemas na saúde, educação, saneamento básico, déficits habitacionais e de transporte urbano, a cidade é marcada por uma desigualdade social, penúria e a ausência de perspectivas futuras para muitos indivíduos, sendo esse um motivo de reflexão sobre os descompassos referentes ao ritmo atual da economia.

Destacamos também a expansão de condomínios verticais e prédios em Campina Grande para diversas classes sociais. Para Almeida (2019), as pessoas com maior poder de comprar podem usufruir da crescente expansão imobiliária de condomínios verticais no bairro de Catolé, Mirante, entre outros. Em relação aos condomínios verticais mais populares, temos o caso da zona Oeste, no bairro de Bodocongó, que possui diversos condomínios construídos pelo programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal. Dentre os conjuntos habitacionais em Campina Grande, temos o conjunto Aluísio Campos, formado por mais de 4 mil casas, construído para suprir os déficits de moradia de uma população detentora de até três salários mínimos e, mesmo assim, não será resolvido o problema de moradia na cidade.

Por isso, é relevante destacar que nem todos os indivíduos podem usufruir dos serviços urbanos, especialmente os menos abastados. Segundo Santos (2002), em nosso país, o acesso aos bens e aos serviços essenciais, públicos e até mesmo privados é tão diferencial e contrastante que uma grande maioria de brasileiros acaba privada desses bens e serviços. Às vezes, tais bens e serviços simplesmente não existem na área, ou às vezes não podem ser alcançados por questão de tempo ou de dinheiro.

Campina Grande também possui luxuosas casas em bairros tradicionais e nos condomínios horizontais fechados, que se expandem pela cidade em torno da sua periferia, como, por exemplo, Alphaville, SerraVille, Atmosphaera, Parkiville, MonteVille, entre outros, habitados por uma população com maior poder aquisitivo, pertencente às classes média e alta. Para Santos (2002), a capacidade de utilizar o território não apenas divide como separa os homens, ainda que eles apareçam como se estivessem juntos.

Em relação ao fluxo de transporte, é notório o aumento da frota de veículos<sup>9</sup>, em Campina Grande, sendo necessário constantemente os órgãos responsáveis pelo setor reformularem vias e avenidas, acrescentado semáforos, quebra-molas, rotatórias e abertura de novas vias. Esse também é um dos grandes problemas na cidade, porque é comum o desrespeito às leis de trânsito, ocasionando acidentes, inclusive com vítimas fatais, sem contar com a mobilidade, que em alguns pontos da cidade se torna estática. Constantemente ocorrem reclamações das pessoas que utilizam os serviços de transporte público, destacando a pequena quantidade de ônibus e a precária qualidade do transporte.

A visão de Villaça (2001) contribui para entendermos a desigualdade, a separação entre as classes sociais e os homens, destacando que a cidade é apropriada de maneira desigual por várias classes sociais. Os equipamentos urbanos e sua infraestrutura possuem usos diferenciados, bem como centros comerciais, áreas de lazer e instituições de educação e saúde, promovendo a produção do espaço urbano, marcado pelos conflitos e pelas lutas de classes sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Santos (2002), o espaço tem um papel privilegiado, na medida em que ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre o passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam. Desde que um enfoque particular se proponha com uma visão contextual.

Campina Grande pode ser considerada uma Cidade Média, centro urbano, centro submetropolitano, e/ou “metrópole”, como mencionado por Maia (2006). Acreditamos que, independentemente do termo usado para classificar Campina Grande enquanto cidade, o importante é observarmos a suas múltiplas espacialidades.

É relevante destacar que a região central da cidade possui diversos serviços, dentre eles o comércio e os bancos prontos para atender consumidores que desejam realizar compras no atacado e no varejo. Em contrapartida, temos um comércio ativo em diversos bairros. Alguns bairros possuem pequenos comércios e feiras livres que ocorrem semanalmente; em outras localidades, temos a presença dos hipermercados localizados na periferia da cidade.

No entanto, não podemos deixar de mostrar que existem contrastes socioeconômicos em relação à sua população, com muitos dos seus habitantes não usufruindo desses serviços. Portanto, consideramos importantes as transformações históricas e espaciais em Campina Grande, pois elas possuem um papel relevante na expansão urbana dessa cidade média, constatando-se uma dualidade

---

<sup>9</sup> Para maiores informações, consultar o trabalho de Clodoaldo Brandão Costa Júnior. *Para onde (não) vamos? Análise dos impactos das frotas de automóveis na área central de Campina Grande - PB*. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

socioeconômica junto aos aspectos de configuração às formas de moradia na referida localidade. Assim, existem múltiplas realidades em produção do espaço.

Em sua produção espacial, temos ocupações subnormais em áreas de risco, formadas por casas extremamente precárias habitadas por uma população de baixíssimo poder aquisitivo, bem como temos os bairros mistos. Isso quer dizer que é possível observamos uma mistura de tipos de residências, algumas sendo modestas e outras mais pomposas, convivendo, dessa forma, no mesmo espaço, inclusive na mesma rua, como, por exemplo, a Avenida Floriano Peixoto, cuja porção leste é constituída por condomínios fechados horizontais e uma crescente construção de condomínios verticais.

São vários os elementos, os caminhos e as situações que podem ser elencados quando investigamos a produção espacial de Campina Grande. Dessa forma, cabe ao pesquisador filtrar, escolher e percorrer uma trajetória que é só sua, ou seja, que dará singularidade, vida, sentido à sua pesquisa, trazendo questões, situações e abordagens que podem ser investigadas.

Portanto, trazemos, na pesquisa, um diálogo no qual buscamos contribuir com um olhar geográfico que destaca como cenário Campina Grande - PB, sendo necessária uma maior ampliação de pesquisas sobre esse tema, aprofundando a compreensão das espacialidades dessa cidade média. Por meio deste artigo, apresentamos conceitos, momentos relevantes de auge e conflitos espaciais, bem como características socioespaciais pertinentes a tal localidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Elpídio e. **História de Campina Grande**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.
- ALMEIDA, Juliana Nóbrega de. **Da escola negada ao trabalho necessário: um olhar sobre a educação de jovens e adultos no bairro de Bodocongó em Campina Grande - PB**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- ALMEIDA, Juliana Nóbrega. **Acesso e permanência de estudantes egressos da escola pública no ensino superior: um olhar crítico para as espacialidades na Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sede**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- ANDRADE, Manuel C. de. **Geografia, região e desenvolvimento**. Recife: Editora Universitária, 1977.
- AMORIM, Oswaldo. Evolução e perspectiva do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. (Orgs.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.
- BARBOZA, Renata da Silva. **"Território dos excluídos": as territorializações de crianças e adolescentes em situação de risco no espaço urbano de Campina Grande – PB**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2014.
- BATISTA, Péricles Alves. **O Boulevard Shopping Center e a formação de uma nova centralidade em Campina Grande-PB**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- BRANCO, Maria Luisa Castello. Cidades Médias no Brasil. In: **Cidades Médias: produção do Espaço**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- CARDOSO, Maria Francisca Thereza. Campina Grande e sua função como Capital Regional. **Revista Brasileira de Geografia**, São Paulo, n. 4, p. 415- 452, out.-dez. 1963
- CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. **Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70**. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.
- CÔRREA, Roberto Lobato. **Cidades Médias: espaços em transição**. Construindo o conceito de cidade média. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- COSTA, Antônio Albuquerque. **Sucessões e Coexistências do Espaço campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Infomacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

- COSTA, Leonardo Barboza da. **Estruturação da cidade de Campina Grande**: as estratégias e intencionalidade do mercado imobiliário. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- COSTA JÚNIOR, Clodoaldo Brandão. **Para onde (não) vamos?** Análise dos impactos das frotas de automóveis na área central de Campina Grande-PB. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- DINIZ, Lincoln da Silva. **As bodegas da cidade de Campina Grande**: objetos de permanência e transformação do pequeno comércio no bairro de José Pinheiro. Dissertação (Mestrado em Geografia), Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2004.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>
- GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.). **Imagens multifacetadas da história de Campina Grande**. João Pessoa: A União, 2000.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.
- MAIA, Doralice Sátyro. Lotes e Ruas: Componentes para Análise da produção dos Loteamentos Fechados. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar. **Cidades médias**: Produção do espaço. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 155-173.
- MEDEIROS, Eveline da Silva. **Bodocongó**: águas que queimam. Campina Grande (1917- 1957). Monografia (Graduação em História), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010.
- PEREIRA, Sílvia Regina. **Percursos urbanos**: mobilidade espacial - Acessibilidade e o direito à cidade. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual da Paraíba, Presidente Pudente, 2006.
- PONTES, Beatriz Maria Soares. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestina. In: **Cidades médias**: produção do Espaço. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- SÁ, Maria Braga de. A paisagem recriada: um olhar sobre a cidade de Campina Grande. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz (org.). **Imagens Multifacetadas da história de Campina Grande**. João Pessoa: A União, 2000.
- SÁBATO, Ernesto. **Homens e engrenagens**: reflexões sobre o dinheiro, a razão e a derrocada do nosso tempo. Campinas – SP: Papyrus, 1993.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2002. (Coleção Espaços).
- \_\_\_\_\_. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- SANTOS FILHO, Ernani Martins dos. **A emergência do tecnopolo Campina Grande - PB**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- SOUZA, Sonale Vasconcelos de. **Relação cidade-campo**: permanência e recriação dos subespaços rurais na cidade de Campina Grande-PB. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- SPOSITO, Eliseu Savério. Mercado de trabalho no Brasil e no estado de São Paulo. In: **Cidades médias**: produção do Espaço. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana**. Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média. Presidente Prudente - SP: UNESP, 2001.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

Recebido em: 12/03/2021

Aceito para publicação em: 28/09/2021